

***BIRD BOX*: REVELANDO OS TRAÇOS DO FANTÁSTICO E DO MEDO NA NARRATIVA PÓS-APOCALÍPTICA DE JOSH MALERMAN**

Laeslly Macedo Pereira ¹
Carolina de Aquino Gomes ²

RESUMO

Este artigo analisa a narrativa *Bird box* (2014), de Josh Malerman, sob a perspectiva da teoria do fantástico. O estudo tem como objetivo investigar como a narrativa de Malerman pode ser caracterizada uma obra dentro do contexto da literatura fantástica como modo. Na trama do romance *Bird box*, Malorie, personagem protagonista, vive em um cenário pós-apocalíptico em que criaturas invisíveis levam à insanidade quem as vê. Para sobreviver, ela e seus filhos precisam evitar qualquer contato visual, navegando em um ambiente de incerteza, desconfiança e medo. Partindo de reflexões sobre o fantástico na literatura e suas relações com o medo, busca-se analisar como as nuances do romance o caracterizam como uma obra fantástica. Os referenciais teóricos de estudiosos como Todorov (1970), Rodrigues (1988) e Roas (2014), Gama-Khalil (2013) e Remo Ceserani (2006), fornecem a base para a discussão sobre o fantástico. França (2020) e Lovecraft (2017) embasam a discussão acerca do medo. Esta é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. A coleta de dados se baseia na seleção e análise de passagens do romance. Diante dos resultados obtidos, conclui-se que o romance de Malerman apresenta características marcantes do fantástico e sua configuração como um modo, através da utilização de elementos sobrenaturais, e da construção do medo no cenário pós-apocalíptico, que são fundamentais para manter a ambiguidade e a incerteza, aspectos centrais na definição do fantástico. Este estudo, portanto, contribui para a compreensão do romance *Bird box* como uma obra significativa dentro do fantástico contemporâneo e sua relação com o medo.

Palavras-Chave: Fantástico; Medo; Ambiguidade; Incerteza, Pós-apocalipse.

¹ Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, laesllybiersack@gmail.com;

² Doutora em Letras com área de concentração em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI, onde desenvolve pesquisas sobre o fantástico, o mal e a morte em Literaturas de Língua Portuguesa - UFPI, carolina@ufpi.edu.br.

INTRODUÇÃO

No contexto das produções de obras contemporâneas, destaca-se o romance *Bird box*, publicado em 2014, do autor Josh Malerman. Romance de estreia do escritor britânico, a narrativa é situada em uma terra pós-apocalíptica, em que as personagens são forçadas a viver com vendas nos olhos para evitar a insanidade a ponto de cometerem suicídio. O livro de Malerman conquistou um público leitor amplo e ganhou notoriedade significativa devido à sua envolvente narrativa de suspense e terror.

Este trabalho busca responder a uma problemática central: de que maneira a narrativa do romance *Bird Box*, de Josh Malerman, pode ser caracterizada como uma obra fantástica e em que medida se articula com a construção e amplificação do medo. A presente investigação surge da necessidade de compreender como os elementos narrativos e temáticos presentes em *Bird box* se alinham com as características do fantástico como um modo. Dessa forma, o objetivo é identificar os aspectos que tornam a obra uma representação desse modo fantástico e, analisar sua relação na construção do medo como força motriz da experiência vivida pelas personagens e do impacto causado no leitor.

A realização desta pesquisa justifica-se pela relevância de se investigar como o medo, enquanto emoção estética e, é construído e potencializado por meio do fantástico em narrativas contemporâneas. *Bird box* oferece um exemplo expressivo dessa articulação ao instaurar uma atmosfera de incerteza e ameaça invisível que desafia a lógica racional e sensorial. Ao abordar o fantástico como modo, a pesquisa contribui para ampliar as possibilidades de leitura crítica da literatura fantástica, ultrapassando limites genéricos e revelando como essa forma narrativa continua a refletir, de maneira simbólica e perturbadora, as angústias e fragilidades do sujeito moderno.

A fundamentação teórica aborda, além de Tzvetan Todorov (1970), David Roas (2014), Selma Calasans Rodrigues (1988), Felipe Furtado (1980), Gama-Khalil (2013) e Remo Ceserani (2006), cujas contribuições enriquecem e complementam a análise acerca do fantástico. Adiante, os estudos de Júlio França (2020) e Howard Phillips Lovecraft (2017) servem de suporte para o estudo do medo. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa, cuja coleta de dados fundamenta-se na seleção e análise interpretativa de passagens significativas do romance. A partir dessa abordagem, busca-se estabelecer conexões entre conceitos teóricos que sustentam a discussão sobre o fantástico e o medo.

Considera-se, inicialmente, que o medo tem relevância crucial na construção de tensão, suspense e drama em muitas obras, e, conseqüentemente, ajuda o leitor a adentrar no mundo da narrativa. Sendo assim, é frequentemente por meio de situações de tensão e suspense, que envolvem elementos sobrenaturais, desconhecidos ou inexplicáveis, que os autores acabam por desafiar as personagens, bem como os limites do que é possível. Dessa forma, propõe-se que no romance *Bird box*, a interação entre o medo no modo fantástico sugere que a presença de uma ameaça sobrenatural gera medo nas personagens, contribuindo para a construção de uma atmosfera ambígua cheia de suspense e incerteza.

II Perspectivas críticas do fantástico

Tzvetan Todorov, em seu trabalho seminal, *Introdução à Literatura Fantástica* (1970), assume uma posição inicial nesta pesquisa. Todorov argumenta que o fantástico “é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”(2017, p. 31) . Essa hesitação, manifestada nas personagens, é transferida ao leitor, que, ao confrontar eventos que desafiam as leis naturais, é levado a um estado de incerteza, instigando-o a ponderar sobre os limites entre o mundo real e o irreal.

De igual maneira, Celma Calasans Rodrigues (1988, p. 11) reitera que “essa hesitação que está no discurso narrativo contamina o leitor, que permanecerá, entretanto, com a sensação do fantástico predominante sobre as explicações objetivas”. Mesmo diante de tentativas de fornecer explicações lógicas aos acontecimentos extraordinários, a sensação de algo sobrenatural ou inexplicável continua predominante, preservando a aura de mistério e mantendo o leitor envolto em ambiguidade e incerteza.

Seguindo nesse contexto de participação ativa do leitor, para David Roas, “a participação ativa do leitor é fundamental para a existência do fantástico” (2014, p. 26), ressaltando a necessidade de que este compare a história narrada com a realidade extratextual, ou seja, com o mundo real. Tal postura evidencia que o engajamento do leitor é essencial para a construção de significados e para a imersão no universo do fantástico, pois, ao estabelecer esse diálogo entre ficção e realidade, a imaginação se torna o elemento que sustenta a experiência literária e mantém a tensão entre o real e o irreal.

Ao transpor o imaginário para a literatura, o fantástico abraça o inexplicável como parte essencial de sua narrativa. Como Rodrigues (1988, p. 27-28) expõe, “o imaginário transposto para a literatura chama a atenção para os elementos inquietantes e inexplicáveis ao nível de uma lógica racional”. Assim, a imaginação muitas vezes dá destaque a elementos que

desafiam a compreensão racional. Isso sugere que, no contexto do fantástico, há uma tendência em explorar e enfatizar o que é misterioso, perturbador ou inexplicável para a lógica racional.

De volta a Todorov, “o fantástico é um caso particular da categoria mais geral da ‘visão ambígua’” (2017, p. 39), de modo que a ambiguidade surge quando não há clareza suficiente para determinar qual é a realidade, desafiando as percepções do leitor. Nesse sentido, a ambiguidade se consolida como elemento essencial do fantástico, conforme aponta Felipe Furtado (1980, p. 132), ao afirmar que “[...] a narrativa fantástica deverá propiciar através do discurso a instalação e a permanência da ambiguidade [...]”. O objetivo é impedir que o leitor resolva completamente a situação, deixando-o com perguntas não respondidas ou múltiplas interpretações possíveis, o que preserva o mistério, mantém o suspense e aumenta o envolvimento emocional com a narrativa.

Nesse contexto, o leitor é convidado a habitar um espaço de incerteza diante da possibilidade de ambiguidade encontrada no romance *Bird box* de Malerman, no qual o autor cria uma atmosfera de suspense e mistério ao apresentar um mundo pós-apocalíptico. Para tanto, Malerman parece manter os detalhes ambíguos ao longo da narrativa, dessa forma, subentende-se que essa ambiguidade alimenta o suspense e a tensão do romance. Uma vez entendido os elementos que permearão o objeto de estudo, faz-se necessário agora, entender o fantástico como modo narrativo, e como tais elementos se comportam nesse modo.

III Fantástico como modo de narrar

De acordo com a professora Marisa Martins Gama-Khalil (2013, p. 29): “Alguns escritores que vêm trabalhando com a literatura fantástica tanto na teoria como na criação literária, preferem adotar o termo fantástico como aquele que enfeixa as variadas e multifacetadas formas de trabalho com o insólito”. Essa abordagem permite explorar como elementos do insólito e do sobrenatural podem estar presentes em uma ampla variedade de narrativas, não se restringindo apenas ao que é tradicionalmente classificado como literatura fantástica.

[...] acredito ser mais viável considerar a literatura fantástica como um “modo”. Caso se parta de um mirante que considera seu enquadramento por intermédio do gênero, reduzimos o ponto de alcance de uma vasta literatura que fratura a realidade e se ergue como uma estética em que a incerteza é a base de criação, literatura essa que existe desde os primórdios, fruto do imaginário dos seres humanos” (Gama-Khalil, 2013, p. 30).

Ao tratar o fantástico como modo, evita-se a limitação imposta pela categorização rígida do gênero, permitindo uma análise mais abrangente e flexível. Essa visão reconhece que o fantástico transcende as fronteiras tradicionais dos gêneros literários, evidenciando sua existência desde os primórdios da humanidade, em que o imaginário e a fratura da realidade sempre desempenharam papéis centrais na criação literária. Segundo Remo Ceserani,

[...] o fantástico surge de preferência considerado não como um gênero, mas como um ‘modo’ literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser, com maior ou menor evidência e capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muito diversos (2006, p. 12)

O fantástico, ao longo do tempo, transcendeu categorizações rígidas e, como modo narrativo, adapta-se a diferentes gêneros. Sua flexibilidade permite infiltrar-se em variados contextos e discursos, moldando-se às necessidades temáticas e estéticas de cada obra. Em *Bird box*, ele se articula com a narrativa pós-apocalíptica ao instaurar uma atmosfera de incerteza e ameaça constante, na qual o real é corroído por uma presença invisível e inexplicável, a *criatura*. Assim, o medo não decorre apenas da destruição do mundo conhecido, mas também da impossibilidade de nomear ou compreender a entidade que provoca tal devastação.

O que caracteriza o fantástico não pode ser nem um elenco de procedimentos retóricos nem uma lista de temas exclusivos. O que o caracteriza, e o caracterizou particularmente no momento histórico em que esta nova modalidade literária apareceu em uma série de textos bastante homogêneos entre si, foi uma particular combinação, e um particular emprego, de estratégias retóricas e narrativas, artifícios formais e núcleos temáticos (Ceserani, 2006, p. 67).

Sendo assim, o fantástico não pode ser definido pela combinação particular dessas estratégias dentro de um determinado contexto histórico. O surgimento do fantástico como uma modalidade literária distinta foi marcado por essa união singular de elementos, que juntos criaram uma nova forma de narrativa. Essa combinação particular, que se manifestou de maneira homogênea em diversos textos, conferiu ao fantástico sua identidade contemporânea.

Gama-Khalil argumenta que “outros modos literários valem-se também desses sistemas formais e temáticos, porém os que são elencados por ele são constantes em muitas narrativas do modo fantástico” (2013, p. 26). Essa constância nos procedimentos e temas dentro do fantástico sugere que, embora ele compartilhe ferramentas com outras modalidades, sua essência reside na maneira como essas ferramentas são utilizadas para desafiar a

percepção da realidade e envolver o leitor em uma narrativa em que o impossível se torna plausível.

Em conclusão, compreender o fantástico como um modo literário possibilita uma abordagem mais ampla e flexível para analisar narrativas que desafiam a realidade, permitindo observar sua presença em diferentes subgêneros. Dentro dessa perspectiva, o medo assume papel central, pois ao ser integrado de forma estratégica à narrativa, o medo amplia o impacto emocional e psicológico da obra, tornando-se um eixo fundamental para a imersão e para a força estética do fantástico.

IV A temática do medo na literatura fantástica

O medo é destacado como uma emoção poderosa e universal, capaz de ser explorada de forma estética na literatura, criando tensão e suspense que envolvem o leitor. Por meio de técnicas que brincam com o desconhecido, o sobrenatural e o inexplicável, os autores transformam o medo em uma força narrativa que captura a atenção e convida a uma jornada emocional e imaginativa. Assim, o medo, utilizado de maneira artística, vai além do entretenimento, tornando-se uma ferramenta que estimula a imaginação e provoca emoções, com intencionalidade por parte dos escritores para alcançar objetivos específicos em suas obras. De acordo com Júlio França,

Mais do que uma questão de subjetivismos e idiossincrasias, o medo como efeito estético é por nós considerado o resultado de um planejamento, isto é, o fruto de processos construtivos relacionados à criação da obra literária. Ao nos referirmos à categoria do “medo artístico”, não pensamos em um efeito contingente de recepção, mas no resultado produzido por um artefato (a obra literária) concebido para suscitar essa emoção específica. (França, 2011, p. 66).

O medo, longe de ser um mero acidente de recepção, constitui um efeito intencional da construção literária, resultante do uso deliberado de técnicas narrativas como a criação de atmosferas sinistras, a inserção de elementos sobrenaturais ou inexplicáveis e a exploração do desconhecido. Na estética do medo, esse desconhecido e o inexplicável assumem papel central, pois provocam no leitor uma constante sensação de perigo, intensificando o terror. A ausência de familiaridade com tais elementos cria um terreno fértil para que a imaginação seja estimulada e a experiência estética se torne mais intensa. Ainda segundo França,

O desconhecido representaria uma fonte constante de possibilidades perigosas e malévolas. A combinação entre a sensação do perigo, a intuição do mal, o inevitável encanto do maravilhoso e a curiosidade possuiria uma vitalidade inerente à própria raça humana. (França, 2011, p. 62).

Sendo assim, o desconhecido é apresentado como uma fonte contínua de possíveis ameaças. Para o escritor norte-americano Howard Phillipe Lovecraft, “[...] incerteza e perigo são eternos aliados íntimos, transformando qualquer tipo de mundo desconhecido num mundo de perigos e possibilidades maléficas” (2017, p. 15). Ressalta-se, portanto, que o perigo diante do desconhecido é uma constante fonte de inquietação, deixando o leitor ansioso sobre o que pode estar oculto nas sombras ou além do alcance da compreensão humana.

Entende-se que, para Lovecraft (2017), o perigo se caracteriza como um aspecto inerente ao confrontar o desconhecido, um tema que ecoa na narrativa de *Bird box*, em que o medo surge do encontro com o que não se conhece. Na trama, a protagonista Malorie e outras personagens são confrontadas com uma ameaça que se manifesta na forma de entidades misteriosas. Nesse contexto, a incerteza sobre a natureza dessas entidades, aliada ao mistério que as envolve, cria um clima constante de incerteza. Dessa forma, a narrativa ilustra como a impossibilidade de compreender completamente uma ameaça pode intensificar a sensação de perigo e alimentar um estado de terror.

Na literatura fantástica, o medo é explorado de forma singular ao imergir o leitor em um universo de mistério e terror, no qual o desconhecido e o sobrenatural se sobressaem, transcendendo os limites da realidade. Essa emoção constrói atmosferas que estimulam a imaginação e reflexões sobre o inexplicável, conduzindo a questionamentos. Como observam Costa e Araújo (2021, p. 5), “as narrativas fantásticas – com enredos baseados na realidade e acrescidos de elementos supernaturais – foram evocadas como recurso para causar nos leitores ansiedade, angústia e medo”. Nessa perspectiva, o teórico Roas considera o medo como um aspecto essencial do gênero fantástico.

Ao me referir ao “medo”, evidentemente não estou falando do medo físico ou da intenção de provocar um susto no leitor ao final da história [...]. Trata-se mais da reação, experimentada tanto pelos personagens [...] quanto pelo leitor, diante da possibilidade efetiva do sobrenatural, diante da ideia de que o irreal pode irromper no real. (Roas, 2014, p. 59).

Portanto, no fantástico, o medo vai além do susto ou terror físico, ele torna-se uma experiência complexa e psicológica que está ligado à incerteza e à tensão provocadas pelas possibilidades. Essa sensação de que as fronteiras entre realidade e imaginação podem se romper cria um estado de expectativa e fascínio pelo desconhecido. Dessa forma, o medo se manifesta na reação das personagens e dos leitores diante de um ambiente ambíguo. Roas ainda assegura que,



O choque entre o real e o inexplicável, nos obriga [...] a questionar se o que acreditamos ser pura imaginação pode chegar a ser verdade, o que nos leva a duvidar da nossa realidade e do nosso eu, e diante disso não resta nenhuma outra reação a não ser o medo. (Roas, 2014, p. 61).

Diante desse cenário de incerteza, a emoção dominante é o medo. Isso é resultante da sensação de vulnerabilidade e da percepção de que o desconhecido pode representar uma ameaça real na compreensão do universo. Portanto, o leitor capta esse sentimento para o seu contexto de vida. Isso se dá pelo fato de que o fantástico cria um ambiente no qual a realidade é semelhante a do leitor, porém distorcida. Dessa forma, esse temor carregado de dúvidas alimenta a imaginação do receptor da história devido ao cenário que é criado. Nesse ponto, Lovecraft assegura que,

Atmosfera é a coisa mais importante, pois o critério final de autenticidade não é a harmonização de um enredo, mas a criação de uma determinada sensação. [...] Portanto, devemos julgar uma história fantástica, não pela intenção do autor ou pela simples mecânica do enredo, mas pelo nível emocional que ela atinge em seu ponto menos banal. Se as sensações apropriadas forem provocadas, esse “ponto alto” deve ser admitido, por seus próprios méritos, como literatura fantástica [...] (Lovecraft, 2007, p. 17-18).

Nesse contexto, Lovecraft assevera que “o único teste do realmente fantástico é apenas este: se ele provoca ou não no leitor um profundo senso de pavor e o contato com potências e esferas desconhecidas” (2007, p. 18). Dessa forma, o encontro do leitor com o inexplicável e o sobrenatural é o que verdadeiramente distingue o fantástico e cria uma experiência literária cheia de emoções. O cerne do gênero fantástico reside não na obra em si, mas na experiência singular do leitor, que deve ser permeada pelo sentimento de medo (Lovecraft, 2017). Assim, conclui-se que, na literatura fantástica, o medo se manifesta para gerar suspense, intrigar e proporcionar uma experiência literária, instigando a imaginação do leitor e o envolvendo na trama.

IV *Bird box*: uma jornada de sobrevivência às cegas

Em *Bird Box*, Josh Malerman constrói uma narrativa ambientada em um mundo pós-apocalíptico assolado por entidades invisíveis que levam à loucura e ao suicídio aqueles que as veem. A estrutura narrativa alterna entre passado e presente por meio de *flashbacks*, conduzindo o leitor por diferentes momentos da trajetória da protagonista, Malorie. O enredo acompanha a luta desesperada de Malorie para proteger a si mesma e seus dois filhos em um mundo em que o simples ato de enxergar pode ser fatal. As personagens vivem com os olhos

vendados como medida de proteção, e a cegueira forçada torna-se uma maneira de sobrevivência.

Com o início do apocalipse, Malorie grávida, busca abrigo em uma casa com outros sobreviventes. Nesse espaço fechado, conflitos humanos se somam às ameaças externas, ampliando a tensão psicológica. Ao longo da trama, o espaço da narrativa, predominantemente claustrofóbico e limitado, contribui para a atmosfera opressiva, acentuando o terror existencial e a fragilidade da sanidade diante do medo constante.

O desfecho do romance se encerra sem revelar a natureza das criaturas ou o destino da humanidade, mantendo o tom enigmático que define toda a narrativa e reafirmando o medo do invisível como eixo central da experiência ficcional.

V Desvendando os segredos do medo e do fantástico em *Bird Box*

A narrativa inicia através de um *flashback* contextualizando o começo de tudo. Malorie, grávida, encontra-se em casa com sua irmã Shannon, quando esta última a chama para assistir a uma reportagem na TV, insinuando que algo terrível aconteceu. Então, é dada a seguinte notícia:

[...] um homem que viajava de carona num caminhão por uma estrada nos arredores de São Petersburgo pediu ao amigo, o motorista, que parasse o carro, então atacou-o e arrancou os lábios do colega com as unhas. Depois, tirou a própria vida na neve, usando a serra de mesa que estava na carroceria do caminhão [...].

[...] uma mãe, “estável” segundo os conhecidos, enterrou os filhos vivos no jardim da família antes de se matar, usando as pontas afiadas de pratos quebrados. (Malerman, 2019, p. 21-22).

Ao expor esses eventos, a história estabelece uma atmosfera de mistério e terror, deixando claro que algo incomum e perturbador está acontecendo no mundo. As circunstâncias dessas mortes são descritas de forma a destacar a brutalidade dos atos e a aparente falta de explicação para o comportamento dos envolvidos. O uso de detalhes vívidos, como a escolha dos instrumentos utilizados nos suicídios, adiciona uma camada de tensão à narrativa criando uma sensação de inquietação e intriga. Sobre isso, Shannon comenta:

As pessoas estão começando a dizer que está relacionado com o fato de as vítimas terem visto alguma coisa. Não é estranho? Acabei de ouvir na CNN que isso é a única coisa em comum em todos os incidentes. Que as vítimas *viram* alguma coisa antes de atacar as pessoas e de se matar. Dá para acreditar nisso? Dá? (Malerman, 2019, p. 23).

Nesse contexto do romance, destaca-se a hesitação, que causa a incerteza experimentada por um indivíduo que está familiarizado apenas com as leis naturais diante de um evento que aparenta ser sobrenatural. Dessa forma, a hesitação reflete a perplexidade das personagens diante de situações que desafiam sua compreensão do mundo e sua crença no que é possível dentro das leis naturais.

A incerteza se torna a única constante para as personagens, já que as respostas parecem estar além de seus alcances em meio a tantas dúvidas. Esta percepção fica evidente quando o narrador expõe os pensamentos de Malorie: “Ninguém tem respostas. Ninguém sabe o que está acontecendo. As pessoas estão vendo alguma coisa que as leva a machucar os outros. A machucar a si mesmas. As pessoas estão morrendo. Mas por quê?” (Malerman, 2019, p. 34-35). A dúvida persiste, mesmo diante de uma possível explicação para os acontecimentos, que sugere que as vítimas tenham visto algo antes de sucumbirem à violência.

O fato de essa ser a única semelhança entre os diferentes incidentes destaca ainda mais a singularidade e a gravidade da situação, pois a racionalidade é questionada. Portanto, esses eventos na narrativa podem ser percebidos tanto como parte das leis naturais quanto como fenômenos sobrenaturais, e não há uma explicação definitiva que esclareça qual é a verdadeira natureza daquele fenômeno. Essa sensação de ambiguidade realça o aspecto fantasioso da história, sugerindo a possibilidade de forças sobrenaturais ou eventos inexplicáveis.

Adiante, um incidente particularmente intrigante se destaca nesta análise. Malorie encontra sua irmã Shannon morta, vítima de um ato brutal, o que a deixa vulnerável e grávida em um mundo caótico. A sequência da cena retrata Malorie desolada e envolta pelo sentimento de medo. Então, Malorie pensa: “[...] Shannon nunca faria isso por vontade própria. Meu Deus, é verdade! Tem alguma coisa lá fora. E, o que quer que Shannon tenha visto, deve estar perto da casa (Malerman, 2019, p. 37-38). A incerteza sobre a natureza dessa ameaça contribui para intensificar seu medo e sensação de vulnerabilidade, uma vez que ela se vê incapaz de identificar a fonte do perigo ou como combatê-lo.

Para Lovecraft (2007), o medo passa a ser uma resposta natural e crucial ao ambiente hostil que a personagem enfrenta em uma narrativa fantástica, e, conseqüentemente, desempenha um papel de sobrevivência e adaptação diante do ocorrido. No romance em estudo, a protagonista se vê imersa em um ambiente no qual precisa constantemente avaliar os perigos ao seu redor, interpretar os sinais ambíguos e enfrentar o desconhecido com coragem

e determinação. O medo passa a impulsionar a protagonista a agir com cautela, buscando estratégias para enfrentar os desafios que se apresentam.

Malorie, grávida e assustada, busca refúgio em uma casa onde encontra outros sobreviventes. Tom relata a história de George, o antigo dono da casa, que tentou usar uma câmera para enfrentar as criaturas com “visão indireta”. Amarrado a uma cadeira, George assiste a uma gravação, mas sucumbe à insanidade, cometendo atos extremos de automutilação. Diante desse acontecimento, Tom busca compreender a situação: “Parece que, não importa sob que ângulo vemos as criaturas, elas sempre nos machucam.” (Malerman, 2019, p. 81). A história de George sugere que algo é desencadeado quando se encara diretamente com os olhos.

A incerteza acerca dos episódios de mortes persiste, realçando ainda mais o mistério e a complexidade da situação para as personagens, bem como para os leitores, que também se encontram em dúvidas. Esse momento destaca a natureza ambígua do enredo, mantendo os leitores envolvidos e intrigados com os desdobramentos imprevisíveis da trama. No texto fantástico, conforme aponta Furtado (1980), o autor busca manter essa ambiguidade, evitando que o leitor alcance uma conclusão definitiva ou uma interpretação completa da situação, elemento essencial na narrativa do gênero.

Retomando a análise, a narrativa se desenrola com a chegada de um novo personagem que bate à porta do primeiro andar da casa. Seu nome é Gary e sua chegada traz consigo uma nova aura de mistério e intriga. A reação dos moradores é de cautela, especialmente devido ao contexto de perigo e desconfiança que permeia o mundo exterior, porém o grupo o surgimento enigmático personagem deixa os moradores e os leitores em uma encruzilhada de dúvida. Assim, o medo cresce à medida que os moradores da casa lidam com um estranho, alimentando preocupações sobre a segurança do grupo e intensificando a atmosfera de desconfiança e apreensão.

A partir da presença do novo morador, Malorie passa a observar cada movimento de Gary com atenção. A protagonista avalia suas palavras e ações em busca de qualquer sinal de ameaça ou intenção oculta por parte de Gary. Essa abordagem se alinha ao que defende Furtado (1980), ao explorar como as personagens fantásticas frequentemente espelham os medos, desejos e ansiedades humanas, adicionando camadas de complexidade para o leitor.

Ressalta-se, também, como o medo é uma presença tangível no ambiente, à medida que as personagens lidam com a presença de Gary. Essa dinâmica complexa entre medo e experiências passadas fazem com que Malorie enfrente um dilema ético ao decidir bisbilhotar a mala de Gary, onde encontra um caderno com escritos perturbadores. Gary afirma que as

criaturas exploram o “teto da mente humana” e que o medo e a loucura são autodestrutivos. Ele sugere que a histeria coletiva e a fraqueza intelectual tornam as pessoas vulneráveis, enquanto se vê como superior. A descoberta revela a visão distorcida e perigosa de Gary, expondo a ameaça que ele representa. Malorie continua a leitura:

Falando racionalmente, com o objetivo de provar minha teoria a eles, não tenho escolha. Escreverei isso mil vezes até me convencer a fazê-lo. Duas mil. Três. Esses homens se negam a conversar. Apenas provas os convencerão. Mas como provarei a eles? Como farei com que acreditem? Vou retirar as cortinas e destrancar as portas. (Malerman, 2019, p. 201, grifos do autor).

As revelações confirmam as suspeitas de Malorie sobre Gary. Torna-se evidente que ele não apenas conhece as criaturas, mas também pode ter algum tipo de envolvimento com elas. Malorie agora está certa de que suas suspeitas têm fundamento e que Gary pode representar uma ameaça real para o grupo. A revelação das verdadeiras intenções de Gary aumenta ainda mais a tensão na narrativa.

Essa situação reforça a atmosfera de tensão e ameaça constante, elemento que, conforme observa Lovecraft (2007), é essencial na literatura fantástica e de horror, já que o verdadeiro impacto da narrativa reside na capacidade de criar uma sensação persistente de medo e inquietação, mais do que na complexidade do enredo em si. Dessa forma, os escritos que Malorie descobre levantam uma série de perguntas que intensifica a ambiguidade, dúvida e, conseqüentemente, o medo em relação aos verdadeiros motivos e intenções de Gary. O clima tenso culmina na expulsão de Gary da casa, deixando Malorie e os outros habitantes com uma sensação de incerteza e vulnerabilidade em relação ao que pode acontecer agora que ele está do lado de fora.

Na parte final da trama, Malorie, prestes a dar à luz no sótão, é acompanhada por Olympia, também em trabalho de parto. Com dores, percebe uma comoção no andar de baixo, enquanto a luz trêmula de uma vela projeta sombras sinistras. A cena captura a luta de Malorie contra o medo e a vulnerabilidade, enquanto o leitor compartilha sua angústia. Portanto, é nesse momento que Malorie,

Na sua própria escuridão, vê uma imagem congelada das paredes do cômodo. A janela. As caixas. E um homem, parado [...]. E, antes mesmo que seus olhos se abram totalmente, ela percebe quem está parado ali, quem está no sótão com ela. [...] Gary emerge das sombras. Está se aproximando dela. (Malerman, 2019, p. 246).

A volta de Gary e as suspeitas crescentes em relação a ele sugerem fortemente seu envolvimento com as criaturas. Gary se aproxima dela comentando sobre sua vulnerabilidade

e expressando surpresa pela falta de compaixão dela em relação à sua presença. Gary, de forma sarcástica, diz à Malorie que “uma coisa ou outra está acontecendo aqui” (Malerman, 2019, p. 246). Gary continua: “ou minhas teorias estão certas ou, e eu odeio usar essa palavra, sou *immune* (Malerman, 2019, p. 248, grifo do autor). A ambiguidade sobre Gary agora aumenta, a possibilidade de imunidade gera um turbilhão de dúvidas.

Gary afirma: “Minha mulher não estava preparada [...] Eu a observei enquanto ela via uma criatura. Não a avisei que estava vindo. Eu...” (Malerman, 2019, p. 249). A postura de Gary remete a uma famosa frase do filósofo Friedrich Nietzsche, no livro *Além do bem e do mal* (2001), que sintetiza a potência e, ao mesmo tempo, a precariedade humana: “Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti”. (Nietzsche, 2001, p. 89).

Nesse contexto, a esposa de Gary representa alguém que confrontou diretamente o desconhecido, olhando para a criatura, e, como resultado, foi afetada de maneira devastadora. Gary, ao testemunhar esse evento, também foi confrontado com o abismo, refletido na sua reação de não avisar sua esposa sobre a iminente ameaça. Assim, a interação entre Gary e sua esposa e interação com o desconhecido mostraram as consequências desses encontros para cada indivíduo. Assim como apareceu misteriosamente na escuridão, Gary desaparece abruptamente, deixando o quarto com as janelas abertas, exposto ao perigo.

Ao fim da narrativa, Malorie e as duas crianças chegam a um refúgio seguro e se juntam a um grupo de sobreviventes, onde finalmente podem remover as vendas e contemplar o mundo além da escuridão. Ainda assim, o suspense permanece, pois a verdadeira natureza do mal continua desconhecida. O desfecho, marcado por uma mistura de esperança e incerteza, sugere que, apesar das provações, Malorie encontrou um modo de resistir em um mundo dominado pelo terror. O final aberto convida o leitor a refletir sobre o significado da jornada e o destino das personagens em um cenário pós-apocalíptico ainda ameaçado por uma presença invisível.

Para isso, Furtado (1980) defende que, na literatura fantástica, a ambiguidade permanece durante toda a narrativa, deixando perguntas sem respostas até o fim de uma história. Em *Bird Box*, a verdadeira natureza das criaturas e o que as motiva a induzir insanidade nas pessoas permanece um mistério. Essas criaturas são seres sobrenaturais? Seres cósmicos ou algo mais mundano com uma explicação científica? Além disso, o destino de personagens cruciais como Gary não é totalmente revelado, deixando os leitores com perguntas sobre seu paradeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se que Malerman, em sua narrativa, apresenta traços do gênero fantástico, como o uso de elementos sobrenaturais, já que não há uma explicação natural. Destaca-se a ambiguidade, pois muitas perguntas não possuem respostas. Além disso, a própria trama não apresenta uma solução ou explicação conclusiva sobre os eventos que se desenrolam, ampliando ainda mais a sensação de mistério e suspense. Essa característica da escrita de Malerman em manter a dúvida até o fim da história contribui para gerar incertezas, envolvendo o leitor e as personagens em um jogo contínuo de interpretação e especulação.

A narrativa de *Bird box*, evidencia como o fantástico, entendido como modo, opera de forma articular esses elementos, incerteza, ameaça invisível e fratura da realidade dentro de um cenário pós-apocalíptico. Longe de se limitar a convenções genéricas, o fantástico se apresenta como uma estratégia narrativa que potencializa o medo ao desestabilizar a lógica do real e confrontar os personagens (e o leitor) com o desconhecido absoluto. A presença de uma entidade jamais vista, porém profundamente impactante, configura um exemplo claro da eficácia do fantástico como modo de narrar, ao transformar o invisível em motor da ação e da angústia.

O medo, nesse contexto, não é apenas uma reação, mas um estado permanente de existência, que se entrelaça à incerteza típica do fantástico. Ao confrontar as personagens e, por extensão, o leitor, com uma ameaça que escapa à lógica e à visibilidade, a narrativa amplia o impacto do fantástico, evidenciando seu poder de desestabilização. Assim, o medo do invisível torna-se o central dentro do modo fantástico, reforçando sua eficácia na construção simbólica de um mundo em colapso e de sujeitos expostos à fragilidade de suas certezas. A medida em que as personagens enfrentam essa ameaça sobrenatural, o medo se intensifica, ampliando o impacto do fantástico na narrativa.

ABSTRACT

This paper analyzes the novel *Bird Box* (2014) by Josh Malerman through the lens of the theory of the fantastic. The study aims to investigate how Malerman's narrative can be characterized as a work within the context of fantastic literature as a mode. In *Bird box*, Malorie, the protagonist, lives in a post-apocalyptic scenario in which invisible creatures drive insane anyone who sees them. To survive, she and her children must avoid any visual contact, living in an atmosphere of fear, distrust, and uncertainty. Based on reflections about the

fantastic in literature and its relationship with the theme fear, the study seeks to examine how the narrative features characterize the novel as a fantastic work. The theoretical frameworks of scholars such as Tzvetan Todorov (1970), Selma Calasans Rodrigues (1988), and David Roas (2014), Gama-Khalil (2013) and Remo Ceserani (2006), provide the basis for the discussion about the fantastic. This is a bibliographic research, and qualitative nature. The data collection is based on the selection and analysis of passages from the novel. Based on the results obtained, it is concluded that *Bird box* exhibits distinctive features of the fantastic and its configuration as a mode, particularly through its use of supernatural elements and the construction of fear in the post-apocalyptic scenario, which maintain ambiguity and uncertainty. This study concludes that Josh Malerman's novel is a significant contribution to fantastic literature in contemporaneity, and its relationship with fear.

Keywords: Fantastic; Fear; Ambiguity; Uncertainty; Post-apocalypse.

REFERÊNCIAS

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução: Cezar Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006.

COSTA, José Antonio Moraes; ARAÚJO, Naiara Sales. **O medo na narrativa fantástica: a representação literária e cinematográfica dos personagens de *it: a coisa***. Revista Água Viva. Vol. 6, N^a 2, Edição Especial, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/36938>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FRANÇA, Julio. **O medo como prazer estético: Insólito, mitos, lendas, crenças – Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional/ II Encontro Regional Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte, 1980.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura**. Tradução: Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **A literatura fantástica: gênero ou modo?** Terra roxa e outras terras. Londrina, v. 26, p. 18-31, dez., 2013. Disponível em: https://www.uel.br/pos/letras/terraroixa/g_pdf/vol26/TR26b.pdf Acesso em: 05 jun. 2025.

MALERMAN, Josh. **Bird Box**. Tradução: Carolina Selvaciti. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: Aproximações teóricas**. Tradução: Julian Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.